

# economia

Editor: Luiz Guimarães  
economia@jornaldocomercio.com.br

## Consumo familiar evita queda maior do PIB

Produto Interno Bruto recuou 0,2% no primeiro trimestre de 2019, anunciou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

### / CONJUNTURA

Em alta pelo nono trimestre consecutivo, o consumo das famílias evitou uma queda maior da atividade econômica brasileira, que recuou 0,2% no primeiro trimestre de 2019. Com inflação em alta e confiança do consumidor em baixa, porém, o ritmo de crescimento vem desacelerando.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o consumo das famílias vem crescendo desde o primeiro trimestre de 2017, quando comparado com o trimestre anterior. Nos

### PIB a preços de mercado

Taxa (%) trimestre em relação ao trimestre anterior (série com ajuste sazonal)

#### Ótica da despesa

Consumo do Governo	0,4
Consumo das Famílias	0,3
Formação Bruta de Capital Fixo	-1,7
<b>Sector Externo</b>	
Exportações de Bens e Serviços	-1,9
Importações de Bens e Serviços	0,5

FONTE: IBGE

primeiros três meses de 2019, a alta foi de 0,3%.

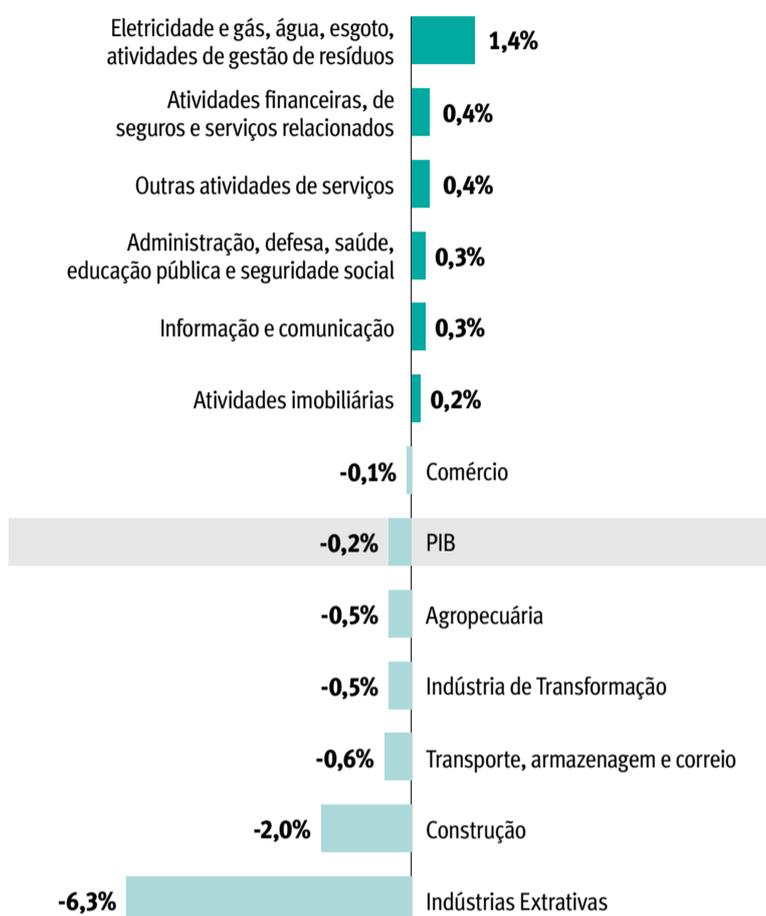
“Quem está puxando o PIB para cima é o consumo das famílias”, afirmou a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis. Na comparação com o trimestre anterior, serviu como contrapeso à queda de outros indicadores de demanda, como o investimento (queda de 1,7% no trimestre) e exportações (queda de 1,9%).

O Produto Interno Bruto (PIB) da agropecuária caiu 0,5% no primeiro trimestre de 2019 em relação ao quarto trimestre de 2018. No setor de serviços, o PIB subiu 0,2% no primeiro trimestre de 2019 em relação ao quarto trimestre do ano passado. Na comparação com o primeiro trimestre de 2018, mostrou alta de 1,2%. Na indústria, por sua vez, caiu 0,7% no primeiro trimestre de 2019 em relação ao último trimestre de 2018. Na comparação com o primeiro trimestre de 2018, mostrou queda 1,1%.

Na comparação anual, o consumo das famílias cresceu 1,3%. Depois de fechar 2018 no melhor patamar desde 2014, porém, o ritmo de alta do indicador vem diminuindo. “A gente viu que o patamar que está

### PIB e subsectores (com ajuste sazonal)

Taxa (%) do trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior



hoje é bem menor do que há alguns anos”, disse a gerente de Contas Trimestrais do IBGE, Cláudia Dionísio. Nos dois últimos trimestres de 2018, por exemplo, a alta foi de 0,6% e 0,5%, respectivamente.

“No primeiro trimestre, a taxa de inflação está em patamar maior, os indicadores de emprego e renda melhorando a passos lentos e os índices de confiança dos consumidores estão mais baixos”, comentou ela. Puxados também pelo consumo das famílias, o setor de serviços teve crescimento de 0,2% no trimestre, em comparação com o último trimestre de 2018. Na comparação anual, a alta foi de 1,2%. É o setor com maior peso na economia brasileira.

De acordo com a gerente do IBGE, a alta reflete mais o desempenho de segmentos ligados ao consumo, como serviços de informação e atividades imobiliárias. Os serviços ligados à indústria, como transportes e comércio atacadista, ainda estão no campo negativo.

O consumo do governo cresceu 0,4% no trimestre, em comparação com os últimos três meses de 2018. Comparado ao mesmo período do ano anterior, a alta é de 0,1%.

## Comparado a países da América Latina, Brasil teve resultado pífi

Com um recuo de 0,2% em relação ao quarto trimestre de 2018, o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) para o primeiro trimestre deste ano frente ao trimestre imediatamente anterior fez o Brasil ocupar a 38ª posição em um ranking com 43 países, segundo levantamento feito pela agência de classificação de risco **Austin Rating**. Dos países da América Latina, o Brasil teve um resultado pior do que Colômbia e Chile, que ocupam a 35ª e a 36ª posição, respectivamente. Dos 43 países analisados pela agência, 36 tiveram resultados positivos.

Das sete nações que apresentaram recuo, o Brasil fica na 2ª posição, seguido de outros cinco países: México, Letônia, Coreia do Sul, Indonésia e Nigéria. Na primeira posição dos países com resultados negativos, está a Noruega, com -0,1%.

“O Brasil está num momento bastante crítico, com baixo nível de confiança. Isso reduz o potencial do crescimento e pode ser visto na queda nos investimen-

tos. As economias centrais que cresceram no último ano estão desacelerando e alguns emergentes que são parceiros econômicos do Brasil vão desacelerar também, como o México e Argentina, já estando esse último em recessão. Temos uma perspectiva internacional de PIB negativo, o que reforça a situação medíocre de crescimento do País - explica o economista-chefe da **Austin Rating**, **Alex Agostini**.

De acordo com o ranking, a China está na 4ª posição, com crescimento de 1,4%, enquanto o Estados Unidos ocupa o 16º lugar com o resultado de 0,8%. O levantamento não inclui a Rússia, Índia, Peru e Armênia, já que só é possível calcular o PIB desses quatro países de forma anualizada.

Comparando o resultado do primeiro trimestre deste ano frente ao mesmo trimestre de 2018, o Brasil aparece com 0,5% como penúltimo no ranking, na 42ª posição, somente à frente da Itália, cujo resultado foi de 0,1%.

## Economia já vive clima recessivo, dizem analistas

O Brasil está flertando com uma nova recessão, embora, oficialmente, o Produto Interno Bruto (PIB) não tenha recuado por dois trimestres consecutivos, critério popularmente usado para definir essa situação nos ciclos econômicos.

A desaceleração do consumo das famílias e a forte contração do investimento privado - revelados pelos dados da economia divulgados nesta quinta-feira, pelo IBGE - somados à recente piora das expectativas em relação ao futuro são sintomas de um ambiente recessivo, segundo analistas.

Alberto Ramos, diretor de pesquisa para América Latina do Goldman Sachs, escreveu em um relatório na manhã desta quinta-feira que a situação atual já é sentida quase como uma recessão. “Técnicamente nós podemos ter evitado mergulhar de volta numa recessão, mas, de alguma forma, se sente quase como uma, já que a demanda doméstica final (excluindo o consumo do governo) contraiu por dois trimestres conse-

cutivos (e em três dos últimos quatro trimestres)”.

O economista destaca que a renda per capita permanece 9,1% abaixo do nível do começo de 2014, antes do início da última recessão que se estendeu entre o segundo trimestre daquele ano e o último de 2016.

Em relatório, a LCA Consultores também ressalta que, do ponto de vista apenas da demanda doméstica, a economia está em recessão técnica, já que, somados, o consumo das famílias e a chamada formação bruta de capital fixo recuaram por dois trimestres seguidos. Isso não ocorria desde o fim de 2016.

Embora considere a ocorrência de uma recessão técnica para a economia como um todo no primeiro semestre deste ano pouco provável, a consultoria ressalta que, após a divulgação dos dados do primeiro trimestre, as projeções de crescimento próximas a 1% para 2019 já parecem muito otimistas.

As fases de expansão e con-

tração da atividade no Brasil são estabelecidas pelo Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (Codace), ligado à Fundação Getúlio Vargas (FGV). Os critérios para determinar o início de uma recessão se baseiam no desempenho de uma série de indicadores e não se limitam à regra de dois trimestres consecutivos de queda do PIB.

Em 2014, por exemplo, a atividade econômica recuou no segundo trimestre e cresceu nos dois períodos subsequentes. No entanto, o Codace avaliou que as condições da economia já eram recessivas no período. As decisões do comitê são sempre tomadas olhando para trás, para permitir que as datações sejam feitas com maior precisão.

Por isso, é difícil para os economistas com base em indicadores correntes definirem se o Brasil vive ou não novamente uma recessão. A expectativa é que esse diagnóstico fique mais claro após o fim do segundo trimestre, para o qual o número de indicadores conhecidos ainda é limitado.